

até mesmo os que participam activamente na vida eclesial, caem numa espécie de dissociação entre a fé cristã e as suas exigências éticas a propósito da vida, chegando assim ao subjectivismo moral e a certos comportamentos inaceitáveis. Devemos, pois, interrogar-nos, com grande lucidez e coragem, acerca da cultura da vida que reina hoje entre os indivíduos cristãos, as famílias, os grupos e as comunidades das nossas Dioceses.

O primeiro e fundamental passo para realizar esta viragem cultural consiste na *formação da consciência moral*. Importa descobrir o *nexo indivisível entre vida e liberdade* enquanto bens inseparáveis e o *laço constitutivo que une a liberdade à verdade*.

À formação da consciência está estritamente ligada a *obra educativa* que ajuda o homem a ser cada vez mais homem, o introduz sempre mais profundamente na verdade, o orienta para um crescente respeito pela vida, o forma nas justas relações entre as pessoas.

De modo particular, é necessário educar para o valor da vida *a partir das suas próprias raízes*. É uma ilusão pensar que se pode construir uma verdadeira cultura da vida humana, se não se ajudam os jovens a compreender e a viver a sexualidade, o amor e a existência inteira no seu significado verdadeiro e na sua íntima correlação.

A viragem cultural que se deseja exige de todos a coragem de assumir *um novo estilo de vida* que se exprime colocando no fundamento das decisões concretas uma justa escala de valores: *o primado do ser sobre o ter*, da pessoa sobre as coisas; implica a *passagem da indiferença ao interesse pelo outro*, a *passagem da recusa ao seu acolhimento*.

Na mobilização por uma nova cultura da vida, que ninguém se sinta excluído: *todos têm um importante papel a desempenhar*.

No mistério do nascimento de Jesus realiza-se o encontro de Deus com o homem e tem início o caminho do Filho de Deus sobre a Terra, caminho que culminou com o dom da vida na Cruz: com a sua morte, Ele vencerá a morte e tornar-Se-á para a humanidade princípio de vida nova.

Que esteve a acolher a “vida” em nome e proveito de todos foi Maria. Através do acolhimento e carinho que Ela prestou à vida do Verbo feito carne, a vida do homem foi salva da condenação à morte definitiva e eterna.

Por isso, Maria é a mãe de todos os que nascem para a vida. Ela é verdadeiramente a Mãe da Vida que faz viver todos os homens.

A anunciação do Anjo a Maria está inserida no meio de expressões tranquilizadoras; “Não tenhas receio, Maria”, “Nada é impossível a Deus” (Lc 1,30.7). Na verdade, toda a existência da Virgem Mãe está envolvida pela certeza de que Deus está com ela e a acompanha com a sua benevolência providente. O mesmo se passa com a Igreja.

Como povo peregrino, povo da vida e pela vida, enquanto caminhamos confiantes para “um novo céu e uma nova terra” (Ap 21,1), voltamos o olhar para Aquela que é para nós “sinal de esperança segura e consolação”.

TEMA

COMPROMETIDOS COM A VIDA

Da Carta Encíclica *O Evangelho da Vida*:

A Igreja recebeu o Evangelho como anúncio e fonte de alegria e salvação. Recebeu-o como dom de Jesus, que foi enviado pelo Pai “Para anunciar a boa nova aos pobres” (Lc 4,19). Recebeu-o através dos Apóstolos, que o Mestre enviou pelo mundo inteiro (Mt 28,19-20). Por isso a Igreja ouve permanentemente aquela palavra de incitamento apostólico “Ai de mim se não evangelizar” (1 Cor 9,16). A Evangelização constitui a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar.

A evangelização compreende indivisivelmente o **anúncio**, a **celebração** e o **serviço da caridade**. É um acto profundamente eclesial que compromete todos os operários do Evangelho. É disto que se trata quando se anuncia o Evangelho da Vida, dom que recebemos para ser proclamado a toda a humanidade. Daí a nossa consciência de sermos o povo da vida e pela vida.

Neste sentido, somos enviados como povo: o compromisso de servir a vida incumbe a todos e cada um: exige a acção concertada e generosa de todos os membros e estruturas da comunidade cristã, mas não elimina nem diminui a responsabilidade de cada pessoa “se fazer próximo” de todo o homem: “Vai e faz o mesmo” (Lc 10,37).

“O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos” (1 Jo 1,3).

O próprio anúncio de Jesus é anúncio da vida. “N’Ele, a vida manifestou-se” (1 Jo 1,2), Ele é “a vida eterna que estava no Pai e nos foi manifestada” (1 Jo 1,2). A vida terrena de cada um adquire o seu sentido pleno. Importa, por isso, que a vida humana, dom precioso de Deus, seja considerada sagrada e inviolável.

Enviados ao mundo como “povo pela vida”, o nosso anúncio deve tornar-se uma verdadeira celebração do Evangelho da Vida.

Esta celebração exige, antes de mais, *cultivar* em nós e nos outros *um olhar contemplativo* que nasce da fé no Deus da vida, que criou cada homem fazendo dele um prodígio, (Sal 139/138,14). É o olhar de quem observa a vida em toda a sua profundidade e reconhece nela as dimensões de beleza, generosidade, apelo à liberdade e à responsabilidade, o olhar que acolhe a realidade como um dom, descobre em todas as coisas o reflexo do Criador e em cada pessoa a sua imagem viva.

Celebrar o Evangelho da vida significa celebrar o Deus da vida, o Deus que dá a vida.

Somos, assim, chamados a descobrir e a exprimir assombro e gratidão pela vida recebida como dom, e a acolher, saborear e comunicar o Evangelho da vida, não só através da oração pessoal e comunitária, mas nas celebrações do ano litúrgico e, de modo particular, nos Sacramentos, que tornam os homens participantes da vida divina.

A celebração da Semana da Vida, com o objectivo de suscitar nas consciências, nas famílias, na Igreja e na sociedade, o reconhecimento do sentido e valor da vida humana em todos os seus momentos e condições, constitui igualmente uma forma de evangelização.

Mas a celebração do Evangelho da vida requer a sua concretização sobretudo na existência quotidiana, vivida no amor pelos outros e na doação de si próprio. É o que sucede já com tantos e tantos gestos de doação, frequentemente humilde e escondida, cumpridos por homens e mulheres, crianças e adultos, jovens e idosos, sãos e doentes. É neste contexto, rico de humanidade e amor, que nascem também os *gestos heróicos*.

Em virtude da participação na missão real de Cristo, o apoio e a promoção da vida humana devem cumprir-se através do serviço da caridade. Trata-se, na hora actual, de uma exigência sobremaneira premente.

No serviço da caridade há uma atitude que nos há-de animar e caracterizar: devemos cuidar do outro enquanto pessoa confiada por Deus à nossa responsabilidade, reservando uma preferência especial por quem vive mais pobre, sozinho e necessitado: “Sempre que o fizestes a um destes irmãos mais pequeninos, foi a Mim que o fizestes” (Mt 25,40).

No seio do “povo da vida e pela vida” resulta decisiva a *responsabilidade da família*, que brota da sua própria natureza – comunidade de vida e de amor, fundada sobre o matrimónio – e da sua missão que é “guardar, revelar e comunicar o amor” (FC 17).

É o amor que se faz generosidade, acolhimento, doação: na família, cada um é reconhecido, respeitado e honrado porque é pessoa, e, se alguém está mais necessitado, maior e mais diligente é o cuidado por ele.

A família cumpre a sua missão de anunciar o Evangelho da vida, principalmente através da educação dos filhos. Pela palavra e pelo exemplo, no relacionamento mútuo e nas opções quotidianas, e mediante gestos e sinais concretos, os pais iniciam os seus filhos na liberdade autêntica, que se realiza no dom sincero de si, e cultivam neles o respeito do outro, o sentido da justiça, o acolhimento cordial, o diálogo, o serviço generoso, a solidariedade e os demais valores que ajudam a viver a existência como um dom.

A família celebra o Evangelho da vida com a oração diária, pessoal e familiar, pela qual agradece e louva o Senhor e invoca a luz e a força para enfrentar os momentos de dificuldade e sofrimento sem nunca perder a esperança. Mas a celebração que dá significado a qualquer outra forma de oração é a que se exprime na *existência quotidiana da família*, quando esta existência é feita de amor e doação.

A celebração transforma-se, assim, num serviço ao Evangelho da vida, que se exprime através da *solidariedade* vivida no seio e ao redor da família.

As famílias, quer cada uma por si quer associadas, podem e devem, portanto, dedicar-se a obras de serviço social, especialmente em prol dos pobres e em todo o caso daqueles que não são atingidos pelas estruturas de previdência e assistência.

O contributo da família tem uma originalidade própria, que pode ser conhecida melhor e mais decisivamente favorecida à medida que os filhos crescem, empenhando quanto possível todos os outros membros.

Em particular, é de realçar a importância cada vez maior que, na nossa sociedade, assume a hospitalidade em todas as suas formas, desde o abrir as portas das próprias casas e do coração ao pedido dos irmãos, ao empenho concreto de assegurar a cada família a sua casa: “Exericei a hospitalidade com solicitude” (Rm 12,13).

O dever social das famílias é chamado ainda a exprimir-se sob a forma de *intervenção política*, antes de mais empenhando-se em apoiar e defender positivamente os seus direitos e deveres, crescendo na consciência de que são protagonistas da transformação da sociedade.

A família cristã é chamada a tomar parte viva e responsável na missão da Igreja de modo próprio e original, colocando-se ao serviço da Igreja e da sociedade no seu ser e agir, enquanto *comunidade íntima de vida e de amor*.

E, uma vez que a família cristã é comunidade cujos laços são renovados por Cristo mediante a fé e os sacramentos, a sua participação na missão da Igreja deve ser segundo uma *modalidade comunitária*: é conjuntamente que os esposos *enquanto casal* e os pais e os filhos *enquanto família* devem viver o seu serviço à Igreja e ao mundo.

O Concílio Vaticano II, de que se comemoram os 50 anos, escreve: “Cada família comunicará generosamente com as outras as suas próprias riquezas espirituais. Nascida de um matrimónio que é imagem e participação da aliança de amor entre Cristo e a Igreja, manifestará a todos a presença viva do Salvador no mundo e a autêntica natureza da Igreja, quer por meio do amor dos esposos, quer pela sua generosa fecundidade, unidade e fidelidade, quer pela amável cooperação entre todos os seus membros” (GS 48).

“Comportai-vos como filhos da luz... Procurai o que é agradável ao Senhor e não participeis das obras infrutuosas das trevas” (Ef 5,8.10-11). No contexto social de hoje, marcado por uma luta dramática entre a “cultura da vida” e a “cultura da morte”, importa *desenvolver um forte sentido crítico*, capaz de discernir os verdadeiros valores e as autênticas exigências.

Urge uma *mobilização geral das consciências* e um *esforço ético em comum*, para se pôr em prática uma *grande estratégia a favor da vida*. Todos juntos devemos construir uma *nova cultura da vida*: nova, porque em condições de enfrentar os problemas inéditos de hoje; nova, porque assumida com convicção mais firme e laboriosa por todos os cristãos; nova, porque capaz de suscitar um sério e corajoso confronto cultural com todos. A urgência desta viragem cultural está ligada à situação histórica que estamos a atravessar, mas radica sobretudo na própria missão evangelizadora confiada à Igreja. Como o fermento que leveda toda a massa a partir de dentro, trata-se de penetrar todas as culturas e animá-las para que expressem a verdade integral sobre o homem e a sua vida.

Tem-se de começar por *renovar a cultura da vida no seio das próprias comunidades cristãs*. Muitas vezes os crentes,